

O IMPARCIAL

PROPRIETARIO, AUGUSTO DOS SANTOS GUIMARÃES

PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS

II ANNO

TERÇA-FEIRA, 26 DE AGOSTO DE 1873

NUMERO 101

GUIMARÃES 25

INCENDIOS EM LISBOA

Os habitantes da cidade de Lisboa estão verdadeiramente aterrados em virtude dos numerosos incendios que n'aquella cidade tem havido, tanto em edificios publicos como particulares.

Não parecem casuaes aquelles incendios, porque são muito repetidos, e alem d'isto tem-se encontrado petroleo espalhado nas escadas de alguns edificios particulares.

Isto tem levado a crer que os incendios são obra dos internacionalistas.

Custa a crer que a ferocidade humana chegue a tanto.

A auctoridade tem empregado todos os meios para conhecer os incendiarios. Diz-se que o commissario geral de policia offerece 100 libras esterlinas a quem os descobrir; egual ou maior quantia offerecem as companhias de seguro.

Que sejam felizes nas suas pesquisas, e que os auctores dos incendios tenham um castigo condigno de seu alto attentado.

Taes crimes não merecem contemplação.

Não podem haver attenuantes para quem a sangue frio reduz um edificio a cinzas levando os habitantes de cazas particulares á indigência.

Que interesse para a causa dos internacionalistas pode resultar deste seu procedimento? Apenas provar os seus maus intentos, os seus ferozes instinctos.

Muitos dos habitantes de Lisboa attribuem aquelles incendios a estrangeiros que vieram plantar em Portugal taes associações; pelo que o governo mandou indagar se estariam na capital alguns estrangeiros sem matricula; resultando d'esta indagação conhecer-se, que estavam dois estrangeiros n'este caso, dos quaes interrogados disse um habitar em casa d'um individuo que pertence á associação dos internacionalistas, e outro não declarou onde habitava.

Em vista das precauções tomadas ficamos esperançados em que não-de ser descobertos os incendiarios.

E' digna de louvor toda a auctoridade que assim procede.

Esperemos o resultado.

OS FOROS

Somos contra o espirito rigoroso e vectorio da lei de 20 de março d'este anno.

E' arriscado esse expediente, torna-se pesado, mal visto, porque o prazo foi limitado, e, as circunstancias que então se deram, para essa lei se promulgar, ainda hoje subsistem e são conhecidos.

As 1:210 freguezias do arcebispado de Braga, são quasi todas; senao todas, obrigadas, a reclamar dos poderes publicos maior espaço, alem do dia 22 de setembro, tempo proximo, em que a lei de 22 de março, faz acabar o prazo marcado para a exigencia de pagamento de foros vencidos.

Pedimos isso com instancia ao governo de S Magestade, em nome dos povos d'esta provincia, onde abundam as propriedades emphyteuticas, assim como n'outros districtos de Portugal, Madeira e Açores, sendo mais de metade das freguezias de que se compoem esses districtos quasi todas foreiras, acontecendo o mesmo nas 329 freguezias do bispado do Porto.

Isto é attendivel, é realmente importante, para vencer as atensões dos poderes publicos.

A queixa é geral e deve ser escutada. O precepicio da lei é enorme quando levada ao fim sem reparo urgente e prompto, perdendo o Estado e o publico em geral.

Já tem sido espaço esse prazo depois que a disposicao doCodigo Civil veio lembrar estas disposições acertadas a favor da propriedade.

Desde 1869 que essas prorogações de prazos se tem dado, porem é preciso mais largo espaço de tempo. Ainda em 1873, ainda hoje, é isso indispensavel e desejavel perante os principios de direito e as obrigações capitais do maior numero.

Somos a favor do povo e da propriedade, fazemos coro com elle, pedimos esse prazo mais extensivo.

E' urgente, que isso importa o bem de muitos, a utilidade de muitas familias.

E' uma petição legal, que a imprensa faz em nome de todos, com a fé convicta da razão que lhe assiste, do mal que vai minorar, o prejuizo a que vai attender.

Prejuizo immenso, que importa milhares de contos de reis, atrasos de fortunas, apuros de circunstancias, para muitos individuos.

Attenda a isto o governo de S. Magestade com instante remedio, de prompto, desde já, que o prazo está a fudar, sendo impossivel a todos dentro d'esse limitado prazo concedido, apromptar as obrigações.

Pedimos isso como urgente necessidade ao governo de S. Magestade, esperançados na rectidão e equidade de seu espirito.

Pedimol-o, em nome do paiz.

L.

CORRESPONDENCIAS

Coimbra 16 d'agosto de 1873

(Do nosso correspondente)

Teve logar no dia 9 do corrente a audiencia na qual José Correia d'Almeida Junior respondeu por falsificação de cautellas da loteria hespanhola. Segundo resavam os autos parece que já a mulher tinha respondido a um, senao identico muito parecido processo. D'esta, como da outra, sabiu-se bem. O jury recto e illustrado (!!) deu o crime por não provado e o homem pagou uma multa de 15:000 reis por vender cautellas da loteria hespanhola.

Até aqui narra-se o facto tal qual devia ser: agora vamos tambem narrar as partes grotescas, que acompanharam este acto, que parece devia ser serio, mas que foi revertido de todo o ridiculo-comico.

O signatario d'esta, testemunha de accusação no tal processo, foi victima d'uma cilada duplicadamente infame, porque foi cobarde. As correspondencias, isto é, as noticias publicadas no «Imparcial», em que se contavam alguns actos... escandalosos praticados em face da sociedade, affrontando a dignidade dos cidadãos, produziram o seu effeito: José Correia d'Almeida Junior arranjou dois servos, que representaram o papel de cynicos magnificamente, já se vê, insultando o signatario d'esta em presença do respeitavel jury (?) e mais pessoas. O velhaco Almeida valeu-se da carencia de meios, por que, aliás elle e os servos, que eram dois, tinham de provar no mesmo tribunal o que disseram.

Sempre é bom dizerem-se os nomes: José Maria da Costa e Antonio Maria da Conceição; o primeiro empregado do Almeida; claro está que não devia ser testemunha suspeita, quando depozesse em favor do seu senhor e contra mim; a segunda, o tal Conceição, era, dizia ser meu amigo ha nove annos, quando requereu para fazer exame para telegraphista, pediu-me para que lhe arranjasse uma carta de protecção do exem.º sur. dr. Carlos Machado, actualmente residindo n'uma das nossas ilhas em commissão do governo. arranjei-lha e de boa vontade, porque julgava que o miseravel era o que me confessava ser. Ainda no dia da audiencia, quando aquelle miseravel, repito, me viu, complimentou-me e eu apertei-lhe a mão, como amigo, já se vê; uma hora depois estava fazendo um depoimento diffamatorio contra mim, dando-se pouco em aventar calumnias, que o proprio advogado do velhaco Almeida conheceu e por isso nem referencia a ellas fez quando se occupou de mim e do jornal para onde destino o que estou escrevendo. Emquanto á primeira, José Maria da Costa dou-lhe alguma desculpa, porque casado e com filhos a quem tem de sustentar, se não quizesse ficar desempregado tinha, como de facto fez, defender o seu senhor, dou-lhe razão; segundo a theoria d'um distincto estadista e jurisconsulto contemporaneo— «O ceu é dos tolos, e o mundo de quem mais apanha», segue-lhe a theoria e mais nada. No final de tudo isto, vê-se a corrupção, que vindo-nos do alto chega até ás mais intimas camadas sociais. Não admira que eu veja venderem-se as consciencias dos telegraphistas quando as dos ministros das obras publicas tambem se merecedam, ainda que, essas custam um pouco mais caro. Torna-se desnecessario dizer mais nada em respeito a este assumpto; provaram que José Correia d'Almeida Junior é, como commerciante um homem de boas coutas, tirada a circumstancia de ter cobrado, cousa que nenhuma testemunha de defesa disse; provaram que o homem em questão se enganara, pondo nas cautellas 17 mil em vez de 140 mil, e como talvez ainda tenha de cobrar uma segunda vez, e enganar-se uma terceira e como estas cousas costumam dar-se, termo medio, de dois em dois annos, vamos esperando com resignação até lá e por agora termina-se esta questão (?) em que fizeram os competentes papeis de palhaços José Maria da Costa e Antonio Maria da Conceição (o serio) a victima expiatoria das forças d'estes typos... Adriano Jacob Lopes; ensaiador de toda a comedia-burlesca, José Correia d'Almeida Junior, o homem dos enga-

nos (baptison-o o moito recto (?) e illustrado (!!!) jury). A todo, entrando o sr dr. Chaves, os meus cumprimentos.

—Continuam com grande actividade as obras da motta á margem do Mondego; tambem vão progredindo os trabalhos para a reconstrução da nova ponte.

—Graças ás auctoridades da terra, as casas de jogo vão augmentando e as bancas dos batoteiros vão-se enchendo. Podemos estar no anno da graça de 1873 e é administrador do concelho o sr. Manoel Maria da Cunha... é quanto é preciso.

—Foi a sociedade dramatica «União de Artistas» dar a Poiães duas recitas, nos dias 10 e 11; apuraram na recita do primeiro dia 18:600 reis e na do segundo 17 mil e tanto.

—Entre os poucos a quem considero amigos, ha um, a que de ha muito tributo a mais cordeal e respeitosa amizade; chama-se Francisco Pereira, foi enquanto teve saude, 1.º enfermeiro no hospital da universidade, depois, o trabalho excessivo e a perda d'uma joven e encantadora mana, que se finou no verdor dos annos; prostaram-no no leito com uma perigosa enfermidade, que dia a dia tem augmentado. Do coração desejo os allivios áquelle amigo, filho exemplar e irmão como poucos.

—Teve hontem, 15, logar a festa da Senhora da Nazareth; pelas 9 horas da manhã saiu do templo do Carmo a bandeira, que foi para a capella, que está no logarejo d'aquelle nome, no campo em distancia de uma legua d'esta cidade. Tanto na ida, como na volta, acompanharam-na muitos cavalheiros. Para o areal tambem foi muito povo passar o dia, para onde levaram as suas competentes merendas e banzas, já se vê.

—E por aqui terminarei esta, despedindo-me dos leitores até á proxima, que será escripta do Porto, para onde vou, ficando d'aquella cidade a informar os leitores do que por aqui se passar e que os amigos me mandem dizer.

A. Jacob Lopes

RESPONDA-NOS A CAMARA

Porisso que a camara indeferiu o requerimento do proprietario d'este jornal, para pôr em hasta publica os impressos do expediente da mesma, allegando que o jornal do supplicante não é diario, cumpre á camara dizer, qual é o jornal diario d'esta terra.

E' o que nós desejamos, é o que não cessaremos de perguntar enquanto não nos for dada resposta satisfatoria.

NOTICIARIO

Os agentes da Fraternidade Operaria e os seus resultados.—No dia 16 do corrente alvoroçaram-se uma grande parte dos vimaranenses, em presença de quatro agentes da associação «Fraternidade Operaria», na occasião

em que elles fallavam com o administrador do concelho, que se achava no Toural.

Os quatro agentes mencionados tinham allugado o salão do theatro de D. Affonso Henriques para effectuar uma reunião no domingo, dizendo-se aqui n'essa occasião, que o fim d'elles era propagar as ideias internacionalistas, pelo que, o publico vimaranense indignado se propunha maltractar os quatro agentes, o que effectuaria se não estivessem presentes o governador civil e o administrador, que com promptidão e intelligencia fizeram retirar para a hospedaria do Gaita, onde estavam alojados, os mencionados agentes.

Foram seguidos até á hospedaria por numerosas pessoas, das quaes muitas formando grupos, ali estacionaram até ás onze horas da noite.

Os concorrentes, receiando os resultados da indignação publica desistiram da reunião, retirando-se para o Porto cerca das duas horas da manhã; o que melhor foi para evitar maiores tumultos, e por ventura algumas victimas.

E' realmente justo o receio ao petroleo! Que o digam os factos ainda recentes de França e Hespanha!

Isto servirá para justificar a exaltação dos vimaranenses.

O que é certo, é que os mencionados agentes, apesar de não fazerem confidencia publica, conseguiram alguma cousa, pois que no dia 20 do corrente, alguns operarios dos arrebaldes d'esta cidade, para exigirem augmento de salario, fizeram «grève». Se é verdade o que nos referiram, o numero dos «grevistas» sobe a 50.

E' indubitavel que estas ideias teem grande voga, e nos hão-de trazer terriveis consequências, porque os elementos de que dispõe o socialismo são muito activos e as suas frases agradam e seduzem.

Esteja de sobreaviso o povo. Não queira arrepende-se de ser causa dos males da patria.

Sem razão.—Um cavalheiro d'esta cidade, a quem somos afeiçoado, criticou o nosso procedimento pela publicação da local, sob a epigraphe— «Será verdade»?—que publicamos no numero 100 do nosso jornal, e o que torna mais engraçado o facto, é, que não receio applicar o escalpello da censura em casa de pessoas que fazem parte de nossa familia, sem prevêr que d'isso haviamos de ser sabedores.

Não tem razão s. s.^a em aventar nada contra o nosso proceder, pois que, como dissemos e temos repetido por varias vezes, é dever de toda a imprensa independente, louvar o que for bom e censurar o que for máo, venha d'onde vier.

Não nos impelliu a fallarmos sobre o predio em questão, e que faz esquina para a rua de S. Domingos, senão o receio de que a camara consinta, como é seu costume, tudo que possa tolher o bom andamento d'esta nossa cara patria, puchar á frente a casa a que nos haviamos referido, não podendo ao mesmo tempo alinhar-se a casa contigua á casa do Toural, em consequencia das duas janellas que para aquelle lado tem viradas.

Se isto se pudesse obter, com previo consentimento do exem.^o João Vaz, então sim, ficaria uma boa

obra, que concorria muito para o atormoseamento d'aquelle local.

Já vê pois, o cavalheiro a que vimos e nos referir, que não tem razão, porque cumprimos um dever que nos assiste, pois que se não foramos nós, não haveria em Guimarães um jornal que velasse pelos interesses do municipio, porque o nosso collega da localidade, como s. s.^a sabe muito bem, come á mesa da camara, com grande sacrificio d'este bom povo vimaranense.

A burra de Balaam tambem fallou!—Um d'estes snrs., que por graça de Deus faz parte d'uma das mais respeitaveis corporações d'esta cidade, fallando da nossa humilissima pessoa e doendo-se do azorrague que temos applicado á referida corporação, atreveu-se a dizer em parte onde sabe que estamos assiduamente,—que nós queriamos um osso.... mas que no açougue ainda devia haver alguns!!

E' de crer que lá os haja; mas os que alli ha snr.... (por hoje occultamos-lhe o nome, ficando todavia esperado para a primeira occasião, podendo contar que hade ser mais bem servido...) costumam-se distribuir aos cães, e nós que não pertencemos á raça canina, nem louvado Deus precisamos dos favores do snr... deixamos-lhe isso para.... fazer presente a quem d'elles precisar...

Ora, pois, seja mais decente, porque nós como jornalista temos obrigação a censurar todo aquelle, que não se porte dignamente na sociedade, e como cidadão temos jus a ser respeitado.

Se não sabe as regras de civilidade, será bom comprar um livrinho que as ensina perfeitamente.

Emquanto ao mais pode fallar, porque a burra de Balaam tambem fallou..

Devaneios d'um mancebo.—Foi com summo prazer que deparamos no «Comercio do Minho», jornal bem redigido que se publica em Braga, com uma analyse critica ao livro que aqui publicou um novel escriptor, intitulado «Devaneios d'um mancebo», e do qual nós aqui demos noticia.

E' nosso patricio o seu auctor, e é por isso que sentimos prazer, conhecendo que a sua producção não ficou no olvido, como era seu desejo, pois que por esse motivo não mandou exemplares para nenhuma redacção, como costumam todos os escriptores. Tal é a sua indiferença aos elogios publicos!

Por nos faltar espaço, apenas transcrevemos aqui os primeiros periodos, que bastam a excitar o auctor a proseguir na carreira que encetou, e que, pelo que se vê no prologo, não tenciona proseguir.

«Vamos fallar dos «Devaneios d'um mancebo». O seu auctor é «um obscuro vimaranense».

O modo porque o modestissimo escriptor nos apparece, é sobremodo sympathico e interessante.

Logo ás primeiras páginas que folheamos, podemos sem difficuldade, descobrir a penna d'um moço intelligentissimo e estudioso, a quem nos ligam estreitas relações d'amisade.»

O auctor do folhetim termina com as seguintes palavras:

D'aqui felicitamos o auctor, a quem pedimos não descontinue a missão para que foi tam largamente bemfadoado por Deus.

Alguns religiosos, ainda que muito poucos, ignorantes ou parvos? quizeram vêr na producção do auctor um ataque ao christianismo; devem porisso ficar boquiabertos ao vêr que um jornal, acerrimo defensor da religião e da legitimidade se occupou d'elle.

Tenham paciencia.

Comunicado.— Foi-nos entregue um comunicado pelo sr. José de Souza Palhares Araujo Leão, para lhe dar-mos publicidade contendo palavras offensivas respeito a um parcho dos suburbios d'esta cidade.

A instancias nossas o snr. Palhares o retirou, dizendo que mais tarde queria a sua publicidade, persistindo as causas que o moveram a mandal-o para a imprensa.

Com a não publicidade d'elle muito folgamos, agradecendo ao mesmo tempo a sua desistencia em attenção a nós.

Chronica religiosa.— No domingo proximo preterito teve logar na parochial igreja de Santo Estevão de Urgezes, a pouca mais de um kilometro d'aqui, a festividade do «Corpus Christi».

No sabbado á noite houve fogo do ar, illuminação e musica; e no domingo vespéras, sermão e uma apparatusa procissão.

Affluu alli bastante gente d'esta cidade, apesar da carranca que apresentou o dia.

A musica foi da «Philarmonica Vimaranense».

—No mesmo domingo tambem se festejou na parochial igreja de S. Pedro d'Azurey, distante d'esta cidade um kilometro, a imagem de S. Roque, com missa cantada a instrumental, sermão e procissão.

A musica foi a da «Philarmonica «União».

—Tambem se festejou no mesmo dia na parochial de S. João de Ponte a 5 kilometros de Guimarães a imagem de Santo Antonio, sendo esta festa precedida de novenas.

Na vespera houve fogo, illuminação e musica, e no domingo missa cantada a instrumental, sermão e procissão.

A musica foi a do snr. João de Sande.

Desgraça.—Ha dias, andando tres operarios a trabalhar na estrada que liga esta cidade com a freguezia de S. Torquato, desabou uma grande porção de terra, resultando ficar um d'estes immediatamente morto e os outros levemente contusos.

O morto era ainda novo e deixou mulher, com quem havia casado ha tres mezes.

O enterro foi feito á custa dos empreiteiros da referida estrada.

Bexigas.— Grassam com grande intensidade na freguezia de S. Romão de Mesão-frio.

Consta-nos que é raro o dia em que alli não ha 3 ou 4 victimas d'esta terrivel molestia.

Deus se ameteceie de nós.

Novo livro.— Já entrou no prélo o romance historico, producção do bem conhecido e illustrado escriptor, o illm.^o sr. Miguel Mascarenhas, que tem por titulo— «Um conto portuguez»—ou epizodio da guerra civil, denominado a «Maria da Fonte».

O credito de que gosa o snr. Mascarenhas como escriptor e o titulo do livro, que recorda uma epocha muito affastada, e em que teve logar uma das maiores agitações politicas de Portugal, e na qual tomaram parte importante os nossos princi-

paes vultos politicos, são para nós sobeja garantia de que se ha-de tornar muito lido este livro, e mover até os mais refractarios á leitura a compral-o.

Transferencia e posse.— Foi transferido da Guarda para Thomar e já tomou posse, o exem.^o sr. dr. Francisco Henriques de Souza Secco, que foi juiz d'esta comarca.

Somos-lhe afeiçoado e por isso d'aqui lhe endereçamos os nossos cordeaes parabens, por entendermos que s. ex.^a estimará ser transferido para a dita comarca, por se achar proximo da sua terra natal.

Anginho.—Deu-se á sepultura no domingo proximo preterito á noite na capella da V. O. Terceira de S. Domingos o cadaver d'uma innocente e muito tenra criancinha filha do nosso amigo o illm.^o sr. José Martins da Costa, havendo por essa occasião resposno de gloria a musica vocal e instrumental.

Amigo Santos

Começo esta minha carta por dar os parabens a mim mesmo e depois aos vimaranenses, pelo bem que andaram no sabbado 16 do corrente.

Como deves saber, apesar de te achares por esta occasião fora da terra, vieram aqui quatro ou seis individuos do Porto, pertencentes á «Internacional», afim de alistarem artistas, e querendo promover uma reunião no theatro de D. Affonso Henriques, porem, o povo não lhe deu tempo para isso.

Segundo me dizem, o seu thema era:—egualdade, fraternidade e a liquidacão social.

Sobre isto direi só duas palavras:— enquanto á fraternidade, todos somos irmãos e eguaes perante a lei e perante Deus.

Vimaranenses! Nós sem religião não somos nada; a Religião sobre tudo, e peçovos que vos sacrifiqueis por ella.

Agora enquanto á egualdade e liquidacão social, são verdadeiras utopias que não se podem pôr em pratica, por mais que se diga e escreva sobre este objecto.

Fico-me por aqui hoje, promettendo voltar breve ao campo da imprensa, pois que ha muito em que fallar.

Desculpa o teu amigo

Vimaranense

COMMUNICADO

Snr. Redactor

Por infelicidade minha, fui envolvido n'estas questões, que agora em Guimarães se levantaram, pela vinda d'esses homens que abi appareceram, com o nome de *vermelhos e communistas*.

Para desagravo de minha pessoa, declaro terminantemente, que nada tenho com esses homens, e jámais com as suas ideias;—se o meu nome figurou em alguma cousa, foi porque me enganaram, e para prova d'isso venho ao publico, apresentar a verdade tal qual ella é, para desencargo da minha consciencia.

Eram tres horas da tarde do dia 16 do corrente, e-tava eu na minha officina trabalhando com os meus officiaes, e chegado o sr. José de Moura, fabricante de cotins, e o sr. Francisco Gonçalves da cidade do Porto, pessoa predilecta dos taes communistas, e entregando-me um requerimento, do theor do qual eu nada sabia, me pediram para o assignar, pois que n'isso, diziam, nada me comprometia; e que queriam a minha assignatura, porque o tal José de Moura, em nome de quem estava feito o requerimento, não sabia escrever, e eu se assignei, foi por me fiar n'elle, de quem me disseram depois, tambem vinha enganado.—Assignei por tanto o tal requerimento, cujo theor era simplicissimo; pois que unicamente pedia para os deixarem fazer uma reunião para bem dos artistas.

Como depois eu fosse chamado pelo illm.^o sr. administrador do concelho, e fosse por elle encarregado para presidir á tal reunião, declarei que «não me metia n'isso, nem queria ser presidente, nem d'alguma maneira intrometer-me em taes negocios», pelo que fiquei livre, e tomando o requerimento que eu tinha assigna-

do o rasguei em casa.—Fique, pois, o pu-
bo, o sciénte da minha boa fé.—Em quanto
ao que dizem d'esses homens que ali esti-
veram, que são *communistas*—que são *re-
publicanos exaltados*—dizei que, eu odeio
os *communistas*, pelas suas doutrinas, que
á primeira vista parecem boas e cheias de
caridade para com os artistas, e pelo resul-
tado que vejo em Hespanha, onde as egre-
jas são queimadas e os padres enforcados
nos candieiros das ruas, e eu não quero is-
so; eu quero as egrejas em pé, por que sou
christão, e quero os padres porque enten-
do que elles são os ministros do santuario, e
que a Igreja, sem elles, não é nada.

Não quero ser communista, por que
sei que o mesmo Deus fez no ceo a varieda-
de;—as estrellas, umas são maiores, ou-
tras são menores: o Sol não é do tamanho
da Lua, na terra nada é igual; ha arvores
maiores, e arvores menores, e por tanto se-
nós na natureza vimos a desigualdade, por-
que razão nos homens não hade haver a
mesma desigualdade; se uns são mais pou-
pados, outros são mais estragados, se uns
são jogadores, outros são guardadores, se
uns trabalham mais, outros menos—como
é que havemos de ser todos eguaes em
meios?....

Não sou republicano, nem miguelista,
nem constitucional—não tenho partidos—
sou artista; tenho o meu estabelecimento
aberto para todos.

Sou Catholico Apostolico Romano,
n'esta fé fui creado, e n'ella quero morrer.
—Dizem-me que os taes melchites são
Atheus e que pertencem ao Cassino;—pois
bem, sejam o que forem, não se metam
com quem quer ganhar a vida. São estas
as minhas ideias....

Como esta já vai muito longa, termi-
no-a, pedindo a v. tenha a bondade inserir
no seu periodico esta minha declaração; e
peço aos mais jornalistas, que esta virem,
a transcrevam para abono d'esta terra, e
da minha honra.

Guimarães 18 d'Agosto de 1873.

Boaventura Gonçalves Marques

(Segue-se o reconhecimento)

AO PUBLICO

O abaixo assignado constando-
lhe que se diz pertencer á Sociedade
Fraternidade Operaria, declara de-
baixo da sua palavra d'honra, que
nunca pertenceu nem pertencerá a
tãl Sociedade, assim como nunca
tractou d'aliciar socios para tam ma-
levolo fim. Guimarães, 18 d'Agosto
de 1873.

Christovão José Coelho Rodrigues

(Segue-se o reconhecimento.)

O MEU ALAÚDE

Vem cá, ó meu alaúde,
Os teus sons quero escutar;
Bem sei que tristes serão,
Que ouvindo-os hei de chorar.

Porem que importa que chore?
Chorar ás vezes faz bem;
Vou tanger-te, ó alaúde,
Só tristezas est' alma tem.

Mas que é isto? meus dedos se prendem,
Tuas cordas eu sinto estalar:
Tambem tú, ó ingrato alaúde,
Minha magoa só vens augmentar.

En cautava c'o meu alaúde,
Mas quebrou-se... não tenho já nada!
Fiquei só... tão sózinha... ai de mim!
Minha sina foi bem desgraçada.
Taipas, 5 de Agos-
to de 1873.

Amelia C. S. M.

Offerecida a D. M. D. T. F.

Mulher tu és na vida
a patria do meu viver,
tu és o echo mais doce
que me faz adormecer.

Tu és o sonho dourado
que tantas vezes sonhei,
em teu collo d'alabastro
onde apenas dormitei.

Eu senti nascer a aurora
ao flectar os olhos teus,
e tambem raio o sol
do prazer dos dias meus!

Fui feliz julguei que a vida
não tinha agruras e dores;
nunca previ as desditas
que sente quem tem amores.

Perdi a mulher, a vida
a patria do meu viver;
ouvi-lhe o echo de morte
que me fez enlouquecer.

E n'este sonho de raiva
em tantas vezes despertei
tento cravar um punhal
no peito que tanto amei.

Vejo arder-lhe o inferno
Nos olhos, a raiva em lume
E as chammas que elles brotam
São as do negro ciume.

Digam tudo o que quizer
Do amor pois nada diz,
Vejo pois a minha sorte
Que desgraça o ser feliz!

Paulo

CORREIO DE HOJE

Lisboa, 24 de setembro

(Do nosso correspondente)

Continuam os incendios, sendo actual-
mente diarios e havendo dias de trez e
quatro. Este facto e a circumstancia de se
encontrarem nos predios incendiados vestigios
de petroleo, tem posto em sobresalto
e grande agitação a população da cidade
porque se julga em perigo de ser victima
das façanhas dos internacionalistas. É ne-
cessario que as auctoridades activem a sua
vigilância sobre os malvados, para que a
sociedade se tranquilize A auctoridade po-
licial prometteu 450\$000 reis, e a compa-
nhia de seguros 800\$000 a quem descobrir
os incendiarios, o que importa a tranquili-
dade e socego das familias.

Na noite de 21 deu-se um novo caso,
que indica a existencia da terrivel e nefan-
da propaganda, pois que appareceu incen-
diada com agua-raz uma escada grande
d'um predio sito na rua da Bitesga á es-
quina da rua da Prata. Se isto assim con-
tinua ninguém se julgará seguro dormindo
tranquillo em sua habitação.

Vejam o que diz sobre o assumpto
o «Jornal de Lisboa»:

Houve ante-hontem novo incendio,
lançado por malvadez! Este foi n'um pre-
dio da rua da Bitesga; os incendiarios lar-
garam o fogo no gaveto do corrimão da es-
cada, parece que com agua raz ou petroleo.
Um dos inquilinos apitou, e acudiram
com toda a presteza os socorros que lize-
ram com que, felizmente, não houvesse
graves prejuizos. Se o fogotivesse logar
duas horas mais tarde, talvez houvesse des-
graças a lamentar.

A população está vivamente excitada
contra os incendiarios. Entre o avultado
numero de pessoas que concorreram ao
logar do sinistro, trocavam-se palavras de
raiva e desespero o que faz suppór que
aquelle a quem conseguirem lançar a mão,
não tornará a ter desejo de continuar com
a empresa.

Um individuo, morador na rua do Po-
ço dos Negros, tendo saído de sua casa
para ir presenciar o incendio da rua do
Alecrim, encontrou ao voltar, dois molhos
de carqueja untados de petroleo, no vão da
escada!

Muitos inquilinos, não confiando na
policia, rondam pessoalmente as suas habi-
tações, e outros quotizam-se para paga-
rem a um ronda nocturno. Outros, toman-
do a nuvem por Juno, sonham com petro-
leo, incendiarios, etc., e acordando espa-
voridos julgando haver fogo em casa, api-
tam desesperadamente.

Ante-hontem á noite, deu-se este ca-
so na rua da Procissão. Uma mulher to-

mando uma nuvem por uma columna de
fumo, começou a bater desesperadamente
á porta do predio bradando que havia fo-
go. Isto bastou para que alguns indivi-
duos que iam passando, comessem a
apitar. Acudiram alguns municipaes da
estação da praça do Principe Real, e uma
bomba, e finalmente averiguou-se que a
rebate era falso. Entretanto alguns inqui-
linos ainda chegaram a sair para a rua,
em roupas brancas, e embrulhados nas co-
bertas das camas.

A policia offerece 100 libras a quem
denunciar ou prender um incendiario, e
segundo ouvimos as companhias de seg-
uros offerecem 800\$000 reis.

Entretanto não obstante o premio ofe-
recido, bom será que todos se acatelem,
e ponham em pratica todas as providencias
para estarem livres dos amigos da «liquida-
ção social».

Uma das providencias que nos lem-
bra, e não pomos duvida em recomendar,
é a do estabelecimento de uma policia par-
ticular, remunerada pelos moradores.

—Falta o correio de França e de Hes-
panha ha tres dias. Estamos por conse-
guinte sem communicação com a Europa.

—Os industriaes portuguezes obtive-
ram na exposição de Vienna d'Austria 106
medalhas e 70 menções honrosas. E' lison-
geira e para causar contentamento esta
noticia.

—O governo encommendou no es-
trangeiro 4 peças de grande calibre para
defesa do Tejo.

—Já regressaram a esta cidade al-
guns dos cavalheiros legitimistas, que to-
ram á Allemanha, para assistirem ao casa-
mento da princeza D. Maria Thereza filha
segunda do sr. Miguel I.

—O snr. marechal duque de Saldan-
ha está escrevendo uma obra em trez vo-
lumes com o titulo de: «A voz da nature-
za, ou o poder, sabedoria e bondade de
Deus manifestados na connexão do mundo
inorganico, com o organico e na adopta-
ção da natureza externa e constituição
moral e physica do homem».

—Deram entrada na academia real de
bellas artes, para allí ficarem depositadas
duas espadas, duas dragonas e dois map-
pas, que foram do uso do sr. D. Pedro
IV durante a campanha.

—Houve hoje pelas 11 horas da ma-
nhã em frente da praça de D. Luiz, ao
Aterro, uma regata feita pelos catraeiros
da mesma praça, começando pela forma
seguinte: primeira corrida—1.ª classe—
botes a remos; 2.ª corrida, canoas rema-
das por um só homem—2.ª classe botes a
remos—1.ª classe botes de véla—2.ª clas-
se botes de véla—torneio de bates—Pato
e Caçador.—Premios: á primeira classe
de botes a remos—ao primeiro vencedor
9\$000 reis, ao segundo uma bandeira na-
cional; ás canoas—primeiro premio 4\$500
segundo 2\$000 reis—segunda classe de
remos, primeiro premio 6\$750 reis, segun-
do 4\$500—primeira classe de botes de vé-
la—primeiro premio 4\$500 reis, segundo
2\$250—segunda classe de botes de véla,
primeiro premio 4\$000 reis, segundo reis
2\$000—torneio 4\$500 ao vencedor—Pato
e Caçador—4\$000 reis. Em frente da pra-
ça de D. Luiz, ponto de partida dos luta-
dores, estará um harco vistosamente em-
baideirado, tendo a bordo a philharmonica
Timbre dos Operarios, que tocará durante
a regata.

M. F.

AGRADECIMENTO



Francisco Jo-
sé Ribeiro Gui-
marães e seu fi-
lho Domingos
José Ribeiro Guimarães, não
podendo pessoalmente agra-
decer as altas provas d'esti-
ma e consideração que rece-
beram da illm.ª Associação
Clerical Vimaranesense, da il-
lm.ª Meza da Santa Casa da
Misericordia d'esta cidade,
e de todos os illustrissimos
e excellentissimos srs. que
se dignaram visitar os no in-

fausto acontecimento de seu
sempre chorado e nunca es-
quecico filho e irmão o reve-
rendo Antonio José Ribeiro
Guimarães, vem fazel-o aqui
por este modo, protestando
que nunca olvidarão a grata
memoria de tantas finezas e
obsequios.

ANNUNCIOS

MUITA ATENÇÃO CARREIRA

PARA A POVOA DE VARZIM

ANTONIO do Couto Vinagreiro,
e Quintas & Companhia, partici-
pam aos seus amigos e freguezes,
que retiraram os seus escriptorios
de casa dos srs. Lemos e José Anto-
nio Ferreira Guimarães, chapeleiro
no Toural, e sendo somente o seu
escriptorio em casa do snr. João
Manoel de Mello, no Toural n.º 1,
onde se continuam a passar bilhe-
tes.

O horario das suas corridas de
diligencias é ás 4 horas da manhã e
ao meio dia.

AMA DE LEITE

EM resposta, e como prevenção
á familia que mandou publicar o
annúncio sob esta epigraphe no n.º
84 do «Comercio do Minho»; ha
uma que se promptifica a seguir via-
gem para Lisboa e Rio de Janeiro,
segundo o desejo dos snrs. annun-
ciantes, mas precisa d'este negocio
decidido o quanto antes.

A' CARIDADE PUBLICA

Maria Bernarda, moradora ao pé da
capella de S. Lazaro, acha-se éticha ha
mais de dois mezes e como vive em gran-
de pobreza, implora das boas almas uma
esmolla pelo amor de Deus.

A' CARIDADE PUBLICA

Maria Rosa, moradora no convento de
S. Francisco, acha-se gravemente doente
com molestia de peito e não podendo andar
mendigando, pede ás almas caritativas uma
esmolla pelo Amor de Deus.

A' CARIDADE PUBLICA

Angelica Rosa, da rua de Baldones
numero 31, tem seu homem alienado
mais de 4 annos, e sem ter com que o sus-
tentar, e para não morrerem de fome im-
plora ás boas almas o obulo da caridade.

DEVANEIOS D'UM MANCEBO

UM OBSCURO VIMARANENSE

Este excellento livrinho que acaba de
publicar-se n'esta cidade contem tres par-
tes a saber:

- 1.ª Deverei ser padre?
- 2.ª Algumas horas de delirio.
- 3.ª Meditações.

A' venda em eaza do illm.º snr. An-
tonio da Costa Guimarães, rua da Fonte
Nova.

Preço avulso

360 rs.

VENDA

VENDE-SE a quinta do Cabo e suas pertencas, sita na freguezia de S. Martinho de Fareja, em frente á estrada nova.

Quem a pretender dirija-se ao snr. Manoel José de Araujo, do logar de Travaços, freguezia de Jogueiros.

VENDA DE PREDIOS

Quem quizer comprar duas moradas de cazas com quintal em Villa Nova de Fomalicão, na rua Formosa e que foram de João d'Oliveira Guimarães, fronteiras á caza do excellentissimo barão da Trovisqueira, as quaes hoje pertencem a Rodrigo Bezerra e mulher D. Maria Maxima de Oliveira, dirija-se a Antonio Mendes Ribeiro, morador em rua de Couros, Guimarães.



AGUAS MEDICINAES

Na pharmacia Martins, encontram-se á venda as agnas do Gerez, Entre os Rios, Vidago, Verim e Pedras Salgadas. Todas ellas são recibidas directamente das proprias nascentes.

MUITA ATENÇÃO!

José d'Oliveira Rede, encarregado de vender os vinhos da casa de Villa Pouca participa ao respeitavel publico vimaranense que tem á venda vinho verde da quinta d'Aldão, muito fino.

AVISO AO POVO

NÃO MORRER DE BEXIGAS

OU CONSIDERAÇÕES

SOBR A EPIDEMIA DA VARIOLA

POR

MANOEL JOSÉ DE PASSOS LIMA

PHARMA CUTICO

EM

GUIMARÃES

Preço, 100 reis.

Vendem-se em Guimarães no estabelecimento do snr. Antonio Bento Portella, á Senhora da Guia, ou no estabelecimento do snr. João Antonio de Souza Brando, noterreiro de S. Francisco.

Em Braga: na Livraria Catholica, rua do Souto No Porto na Livraria Catholica, Praça de D. Pedro, e na Livraria de Antonio B. C. Coutinho, rua dos Caldeireiros.

BANCO DE GUIMARÃES

FAZ as seguintes operações:

Compra e vende inscripções de assentamento, e de coupons, e accões de Bancos e Companhias;

Toma letras sobre praças estrangeiras ao cambio corrente;

Desconta letras da terra, thesouros e dos bancos e companhias;

Empresta sobre caução de titulos do governo, e accões de bancos e companhias

Empresta igualmente sobre penhor d'ouro ou prata, e pedras preciosas, á vista da certidão do contraste;

Sacca e dá cartas de credito sobre seus agentes de Portugal e praças estrangeiras;

Encarrega-se da liquidação de qualquer herança;

Empresta tambem sobre hypothecas; e finalmente faz todas as operações proprias de taes estabelecimentos.

AGUAS MINERAES

VIDAGO, PEDRAS SALGADAS E GEREZ

VENDE-SE no estabelecimento de Erminio Augusto da Silva Madeira na Praça Nova.

No mesmo estabelecimento se vende vinhos finos, Cerveja ingleza e portugueza, massas, lampreias de escabeche, agua ardente de canna do Paraty, tudo por preços commodos.

ACCÕES

GUIMARÃES, Filho & Sobrinho compram accões dos Bancos Commercias de Braga, Vianna e Guimarães. Para tratar em Guimarães rua da Fonte Nova n.º 14 a 18, deposito da fabrica de tecidos em Caneiros.

ENSAIOS POETICOS

DE

BIAS FREITAS

Precedidos d'uma carta-prefacio

PELO

DR. FERREIRA CALDAS

Um elegante volume de mais de 200 paginas, impresso com toda a nitidez n'uma das melhores officinas typographicas do Porto.

Vende-se na rua Nova n.º 3, e na Livraria Catholica, rua do Souto n.º 39.

VINHOS DO ALTO DOURO PREMIADOS NAS EXPOSIÇÕES

CASA DE VILLA POUCA PREMIADOS NAS EXPOSIÇÕES

JOSE' d'Oliveira, encarregado de vender os vinhos da casa de Villa Pouca, annuncia que tem á venda as seguintes qualidades de vinho, engarrafado (fora a garrafa)

Tinto de meza	150 reis	Moscatel	500 reis
Lagrima	200 reis	Vinho de 1854	600 reis
Tinto	190 reis	Roncon	700 reis
Tinto fino	240 reis	Vinho de 1825	1,500 reis
Vinho velho em prova secca	300 reis	Reserva de 1838 por garrafa	2,250 reis
Malvasia, segunda qualidade	360 reis	Bual de 1851	1,500 reis
Vinho velho	400 reis	Delicado de 1857	800 reis
Alvaralhão, superior	560 reis	Especial de 1862	600 reis
Bastardo velho	500 reis	Cerveja ingleza	100 reis
Malvasia primeira qualidade	500 reis	Collares puro	190 reis

A RETALHO:

Vinho de meza a 50, 60, 80, e 120 reis o quartilho do tinto e 120 reis do branco. Este armazem tem depositos: em Fafe, em casa do snr. Miguel Antonio Monteiro de Campos; em Vizella em casa do snr. João Teixeira Alves, na Lameira; nas Taipas no hotel do snr. Villas; em Braga, em casa do snr. Bernardo José Fernandes Carneiro, rua do Souto n.º 9; em Vianna do Castello, em casa do snr. José Antonio Gonçalves d'Azevedo, rua de S. Sebastião; no Porto, em casa do snr. F. G. Santa Cruz, rua de Santa Catarina; em Aveiro, em casa do snr. Lourenço da Costa Salgueiro; em Agueda, em casa do snr. Victorine Antonio Martins.

Responde-se pela boa qualidade e pureza d'estes vinhos e deixa-se fazer n'elle toda e qualquer experiencia chimica; mas se ainda depois d'isso alguem duvidar da sua pureza, podem apparecer no armazem afim de assistirem á lotação dos ditos vinhos.

TYPOGRAPHIA

Na typographia d'este jornal fazem-se todos e quaesquer impressos que sejam encomendados, com a maior promptidão, nitidez e barateza, como são:

Facturas, letras, talões para aferição, arrendamentos, ordens de pagamento, procurações particulares e judiciaes, cautellas, rotulos para garrafas ou frascos, cartas funebres, mappas, editaes, recibos, etc. etc.

N'esta typographia tambem ha cursivo para as cartas, bem como tinta azul, verde, vermelha, mordente para dourar ou pratear qualquer impresso.

N. B. Vendem-se n'esta typographia letrasa 500 reis o cento.

Excedendo a duzentas custa cada cento quatro centos reis. Tambem se vendem avulso 5 reis.

MIRANDA

CASA FELIZ

TERREIRO DE S. FRANCISCO
(JUNTO A ALIANDEGA N.º 5)

SORTE GRANDE

RÊIS 5:000\$000

Tem á venda bilhetes e fracções da loteria de Lisboa da proxima extracção.

Tambem tem uma grande sociedade para quem quizer subsorever com qualquer quantia

PREÇO DA ASSIGNATURA

(SEM ESTAMPILHA)

Por anno	3,600 reis
Por semestre	1,900 "
Por trimestre	1,000 "
Folha avulso ou supplemento	140 "

Assigna-se e vende-se no escriptorio da redacção, rua dos Fornos n.º 3. Toda a correspondencia deverá ser dirigida franca de porte ao proprietario Augusto dos Santos Guimarães, rua da Tulha n.º 17, ou ao escriptorio da redacção. As correspondencias e publicações de interesse particular são pagas; não se publicando os escriptos que involvem responsabilidade, sem que estes venham competentemente legalizados. As publicações litterarias serão publicadas gratis, recebendo-se na redacção dous exemplares. Anuncios e correspondencias 30 reis por cada linha, repetição 20 reis. As assignaturas são pagas adiantadas.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(COM ESTAMPILHA)

Por anno	4,380 reis
Por semestre	2,290 "
Por trimestre	1,190 "
Para o Brazil, (pelo paquete) por anno	9,000 "